

A PRESENÇA PÚBLICA DA IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS NOS GOVERNOS PETISTAS (2003-2016)*

Roberta Bivar Carneiro Campos¹

Maria Fernanda Valeriano Benevides Viana²

Resumo: A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), a maior denominação neopentecostal do Brasil, há décadas chama atenção dos cientistas sociais, entre outras razões, por seu expressivo crescimento na política institucional do país. Curiosamente, faltam estudos que abordem a mais extensa aliança política da IURD a nível federal: sua coligação com o Partido dos Trabalhadores (PT), período em que a igreja alcançou espaços inéditos em seus empreendimentos públicos. Diante disso, este trabalho teve como objetivo investigar a presença pública da IURD durante os governos petistas (2003-2016). Procuramos entender a atuação da IURD como processo de “dispersão do religioso” (Burity, 2015) e a abordagem do tema seguiu uma perspectiva antropológica-histórica, atentando para a investigação de como a igreja foi expandindo seus espaços na esfera pública ao longo de sua aliança com o PT. Com dados coletados através de uma pesquisa documental empreendida, principalmente, nos meios de comunicação oficiais da IURD no período em questão, expomos e analisamos o encadeamento de algumas das práticas públicas traçadas pela igreja que, feitas com o objetivo de ocupar a centralidade do poder (Campos e Souza, 2020), aprofundaram seus espaços na política nacional através da coligação com o PT. A análise desta aliança foi capaz de indicar caminhos investigativos interessantes sobre a atuação política da Igreja Universal, tema que deve reunir atenção de mais pesquisadores para avançarmos na compreensão do

¹ Doutora em Antropologia Social. Professora na Universidade Federal de Pernambuco. Email: robertabivar@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2472-6821>.

² Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco. Email: maria-fernanda.viana@ufpe.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4699-0874>.

* Como citar: CAMPOS, Roberta Bivar C.; VIANA, Maria Fernanda V. B. A presença pública da Igreja Universal do Reino de Deus nos governos petistas (2003-2016). *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 23, n. 43, p. 283-331, 2023.

projeto de domínio de espaços que o movimento neopentecostal (do qual a IURD é representante exemplar) têm tido êxito em ocupar na esfera pública brasileira.

Palavras-chave: Igreja Universal; Presença Pública; Governo PT; Religião.

THE PUBLIC PRESENCE OF THE UNIVERSAL CHURCH OF THE KINGDOM OF GOD IN THE PT GOVERNMENTS (2003-2016)

Abstract: The Universal Church of the Kingdom of God (UCKG), the largest neo-Pentecostal denomination in Brazil, has attracted the attention of social scientists for decades, in part because of its significant growth in the country's institutional politics. Curiously lacking are studies that address the UCKG's most extensive political alliance at the federal level: its coalition with the Workers' Party (PT), a period in which the church reached unprecedented space in its public efforts. Given this, this work aimed to investigate the public presence of the UCKG during the PT governments (2003-2016). We sought to understand the performance of the UCKG as a process of "dispersal of religion" (Burity, 2015) and the approach to the theme followed an anthropological-historical perspective and focused on examining the ways in which the church expanded its spaces in the public sphere during its alliance with the PT. With data collected through a documentary research undertaken mainly in the official media of the UCKG in the period in question, we expose and analyze the chain of some of the public practices outlined by the church that, made with the aim of occupying the centrality of power (Campos and Souza, 2020), deepened its spaces in national politics through the coalition with the PT. The analysis of this alliance was able to indicate interesting investigative paths about the political performance of the Universal Church, a theme that should gather attention of more researchers to advance in the understanding of the project of domination of spaces that the neo-Pentecostal movement (of which the UCKG is an exemplary representative) has been successful in occupying in the Brazilian public sphere.

Keywords: Universal Church; Public Presence; PT Government; Religion.

INTRODUÇÃO

Diversos estudos críticos vêm enxergando a presença das religiões na organização do discurso público e nas mudanças ocorridas na retórica e práticas religiosas como um desafio ao paradigma da secularização. De acordo com Asad (2010), um dos problemas do secularismo reside em suas definições essencialistas da religião e suas instâncias, afinal, toda definição implica exclusão, demandando, assim, observações situadas. Alinhado a tal postura, Burity (2015), problematiza o uso de “religião” como um conceito global, recorre à De Vries, e explica que a “religião” definida a partir do cristianismo já são várias e o uso de um termo “global” teria que ser pensado a partir de uma “dispersão da religião” (Burity, 2015, p. 97). O termo se refere à possibilidade de que uma diversidade de práticas, ainda que não mais correspondentes à base do cristianismo que consolidou o imaginário do significado de “religião”, sejam socialmente sancionadas como religiosas ou se autodefinem como tal. Dessa maneira, há uma dispersão conceitual da “religião”, que, agora, se manifesta “[...] ao longo de trajetórias ou em contextos específicos, ao ser ela evocada, afirmada, redescoberta, utilizada em novas articulações.” (Burity, 2015, p. 99). Nesse sentido, é possível afirmar que as categorias de religioso e secular, como já escreveu Hirschkind, não são apenas historicamente imbricadas ou reciprocamente definidas, “[...] mas que o secular marca, mais do que uma identidade, uma dinâmica relacional” (Hirschkind, 2017, p. 184).

Entendemos que as teses revisionistas da secularização (Connolly, 1999; Asad, 2003, 2010; Habermas, 2006, 2007; Taylor, 2010; Casanova, 1994; Mahmood, 2009, 2019, entre outros) em conjunto com a discussão do pluralismo (Berger, 2017; Connolly, 1999, 2011; Burity, 2005) são capazes de oferecer um reposicionamento teórico acerca da religião no espaço público, a partir de remodelagens de suas relações com o secular.

A investigação das formas de presença da IURD no espaço temporal do governo do Partido dos Trabalhadores (PT) exige a análise de muitas dimensões e processos de dispersão da religião. Diversos estudos já abordaram

a relação da IURD com a esfera pública (Estado incluso), mas, chama atenção a falta de estudos sistemáticos que analisem propriamente a relação entre a IURD e o governo petista, com o qual ela foi publicamente aliada por mais de 12 anos e teve, nesse período, um crescimento gritante do seu império. De fato, quando se trata especificamente das articulações da igreja com o PT na esfera pública, apenas encontramos na produção acadêmica considerações pontuais sobre o tema (Almeida, 2018, 2017; Camurça, 2020; Mariano, 2004; Tadvald, 2010; Rezende, 2019; Barbosa, 2016, entre outros) ou análises que se restringem a investigar as relações IURD-PT especificamente durante as campanhas eleitorais (Oro, 2003, 2002; Cruz, 2009; Barbosa, 2016, entre outros). Pode-se dizer que dois trabalhos na área de antropologia da religião se destacaram na análise dessa relação: O primeiro foi o artigo de Campos e Souza (2020), que apesar de não focar propriamente na aliança IURD-PT mas sim sobre “o que é política na Universal”, fornece alguns caminhos analíticos para a compreensão dessa relação, conforme será apontado ao longo do texto. Já o segundo, foi a tese de Alana Sá Leitão, uma das autoras deste último artigo. Em sua tese de doutorado, Leitão (2021) recupera historicamente pontos que marcaram a aliança da IURD com o PT, constituindo, ao menos no que encontramos sobre o tema, o único estudo a realizar esse regaste de forma sistemática, apesar da tese não ter esta relação como tema central³.

É, assim, surpreendente e até mesmo inquietante que a mais extensa aliança política da IURD até o momento não tenha sido um foco de análise entre os antropólogos da religião: não há nenhum estudo que foque

³ Fora da área de antropologia da religião, pode-se destacar a dissertação de Barbosa (2016), que explora alguns dos pontos relevantes para a investigação da Igreja com o PT, mas situa a investigação em um nível mais local: o autor realiza um estudo de caso etnográfico em um templo da Igreja Universal no bairro de Piraporinha, periferia na zona sul de São Paulo, e buscou compreender o impacto da religião no processo da decisão de voto (nível federal) nas eleições de 2014. Apesar de trazer resultados interessantes a partir de entrevistas com fiéis sobre Lula, Dilma e a campanha presidencial de 2014, apenas pontua poucos aspectos presentes no tema da aliança política federal entre a Igreja e o PT.

propriamente e de forma sistemática na aliança IURD-PT ou na presença pública da igreja em contexto com essa relação. Dessa forma, este artigo nasce de nossa inquietação quanto a falta de investigações sobre essa aliança política. A proposta é contribuir com o adensamento de dados empíricos ainda escassos na literatura a partir da documentação do encadeamento de algumas das ações públicas traçadas pela igreja no contexto de sua coligação com o PT, atentando para a investigação e análise de como a igreja foi expandindo seus espaços na esfera pública ao longo de sua aliança com o PT. Tal empreitada será realizada com dados produzidos no desenvolvimento de um projeto de iniciação científica, financiado pela Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE), no âmbito da pesquisa “Reações seculares à religião pública: O caso das religiões minoritárias e seus modos de presença”, coordenada por uma das autoras deste artigo⁴.

IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS: A TRAJETÓRIA DE UMA DISPUTA POR ESPAÇOS

A IURD, criada em 1977 pelo Bispo Edir Macedo, é a maior denominação neopentecostal do Brasil e está presente na política desde o período

⁴ A metodologia utilizada para a construção deste trabalho foi a pesquisa documental, realizada online em acervo de notícias, colunas, matérias jornalísticas, notas institucionais e documentos públicos governamentais que possuem relação com a associação da IURD (e suas instituições) com o governo federal no espaço temporal da pesquisa (2003-2016). O mecanismo de “busca avançada” foi recorrentemente utilizado para encontrar fontes documentais relevantes para o objetivo estabelecido. Algumas plataformas foram privilegiadas na coleta, especialmente o site oficial da IURD e o acervo de seu jornal, a Folha Universal. Damos preferência à exposição das fontes provenientes da igreja, de modo a tratar a maneira como suas práticas discursivas são construídas e modificadas como um objeto de investigação. As fontes primárias coletadas foram lidas criticamente, atentando para a análise do “fluxo de interações discursivas” (Montero, 2012) que constituem o que estamos chamando de esfera pública.

da redemocratização do Brasil, tendo eleito um deputado para a Assembléia Nacional Constituinte de 1987⁵. Até hoje, a igreja possui uma presença de considerável e crescente importância no arranjo político nacional, além de ocupar um espaço privilegiado na cena pública mais geral, com grande poderio empresarial e midiático. Sua presença constitui um fator importante na formação da opinião pública, afinal, a IURD é dona de vasta rede de comunicação, com a segunda maior emissora de televisão do país (Record TV) e diversas concessões de TV e rádio, liderando como a denominação evangélica com maior inserção na radiodifusão do país. Se há um consenso no meio acadêmico e jornalístico em torno da atuação da Igreja Universal, é a sua vocação para o poder e sua grande capacidade de articulação, tendo competência de crescimento e construção de impérios em diversos ramos, sejam religiosos ou seculares.

Desde seu surgimento, a igreja teve um rápido crescimento, tanto em número de templos como no porte de seus mega cultos⁶ e, também, nos ramos da esfera pública em que se envolvia. Para entender a rápida expansão da Universal, é necessário contextualizar o cenário sociopolítico da época e como a igreja nele se encaixava. O cenário de redemocratização se mostra relevante. Com a Constituição Federal de 1988, houve uma abertura do espaço público aos cidadãos e o entendimento do indivíduo como um ser de direitos, essa circunstância é somada às preocupações econômicas e de melhora de vida e, nesse contexto, a IURD oferecia (e oferece) mais do que a pregação da palavra: oferecendo diversas possibilidades de agrupamento e de forjamento que se refletem na maneira como as temáticas dos cultos e reuniões diárias são organizadas (ver Leitão, 2021, p. 120).

⁵ De forma geral, na realidade brasileira, foi com o fim da Ditadura Militar em 1985 que a atuação de grupos religiosos na política tem tornado a face pública da religião cada vez mais relevante para entender as dinâmicas políticas atuais.

⁶ Apenas com 10 anos da inauguração, a instituição realizou um mega culto que contou com mais de 250 mil pessoas no estádio do Maracanã (RJ), que não foi um fato único, já que a igreja já estava se tornando conhecida por eventos desse porte (Leitão, 2021).

Nesse contexto⁷, mídia e a sociedade começam a mudar a maneira como lidavam com os fatos cotidianos: ao mesmo tempo em que a economia ganha espaço nas preocupações das pessoas, surgem novas colunas que propagam um discurso ascensorista em relação aos que conseguiram “vencer na vida” (Lima, 2007). O uso dessa ideologia neoliberal como modo de gestão político-econômico gerador e multiplicador de novas associações, possibilidades e dúvidas forma um enquadramento no qual as igrejas neopentecostais fazem sentido, especialmente por uma de suas bases teológicas: a teologia da prosperidade (voltaremos a este tema).

Na década seguinte, a IURD ganha ainda mais destaque no cenário político nacional, quando, nos anos 2000, realiza uma mudança brusca de posição política: o apoio à candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva, que nas três eleições anteriores foi atacado duramente pela igreja e até comparado com o satanás. A coligação se estendeu ao governo de Dilma Rousseff, até semanas antes do processo de *impeachment*.

A aliança política de quase 15 anos de duração envolveu, evidentemente, muitas dimensões e processos e, por isso, analiticamente, muito pode acrescentar sobre as estratégias políticas da IURD. Justamente por sua multidimensionalidade, tal temática pode ser enfocada a partir de diversas maneiras e categorias de análise. Aqui, pretendemos tratar a movimentação da Universal no campo político e na esfera pública a partir da noção de uma “disputa por espaços”, descrita pelo próprio Edir Macedo, em seu livro “Plano de Poder”.

Lembre-se: estamos tratando de uma disputa por espaços e por consolidação desses espaços. Não calcular as consequências das ações pode pôr tudo a perder, ou fazer o processo retroceder ao ponto inicial [...] (Macedo e Oliveira, 2008, p. 45-46).

⁷ Cabe ressaltar, os anos de 1990 foram significativos para possibilitar a presença pública que a igreja teve no século XXI, vale dizer que em 1992 o Bispo Macedo, que já havia comprado a Record, recebe a concessão da emissora.

Esse entendimento, vale dizer, alinha-se com a teologia do domínio, outra importante base teológica do neopentecostalismo, que enxerga o mundo a partir de uma batalha espiritual constante entre Deus e o diabo, guerra que também se manifesta no plano terreno da sociedade. Dessa maneira, como explica Casarões (2020), uma das missões cristãs estaria na

[...] guerra incansável contra demônios que se manifestam na cultura e nas artes, na educação, na imprensa, nos negócios, na política, na família e na própria religião. Conhecida como a visão profética das sete montanhas (ou sete montes), essa doutrina [...] ensina que o Reino de Deus será erguido quando os cristãos ocuparem espaços em todas essas dimensões da sociedade. (Casarões, 2020, p. 11).

Na esfera pública, tal movimentação de construção do Reino de Deus se alinha às agendas neoliberais para efetivar o ideal de nação sagrada do neopentecostalismo, e é na era dos governos petistas, que a IURD vai experimentar um crescimento significativo de seu projeto de ocupação de espaços, aumentando consideravelmente sua influência pública e, especialmente, política.

A FORMAÇÃO DA ALIANÇA E A PRESENÇA DA IGREJA NOS GOVERNOS LULA (2003-2010)

Conforme contabilizou Oro (2003), após o início da trajetória política da IURD, a instituição vem multiplicando o número de deputados e vereadores com o passar das eleições. Em 2002, duplicando o número de políticos eleitos, a instituição elegeu 18 deputados e um senador. Oro (2003) atribui tal sucesso político ao carisma institucional da IURD, o que envolve um uso extensivo da mídia. No mesmo cenário, com o início do século XXI, o PT já havia compreendido as mudanças da cena política da década 1990 e se esforçou para criar pontes com organizações religiosas, associadas aos partidos liberais. Vindo de sua terceira derrota na corrida presidencial, Lula

já enxergava que o apoio dos liberais, além de contribuir para o aumentar seu tempo de televisão, ajudaria a firmar sua condição como candidato de centro-esquerda, neutralizando sua imagem de “radical”. Assim, começou uma busca por uma aliança com o PL (Partido Liberal), partido que concentrava a maioria dos políticos ligados à Igreja Universal naquele momento.

Em 2001, a aliança estava sendo almejada tanto por Lula, quanto pelo PL. Uma matéria veiculada no jornal Folha de São Paulo, em outubro de 2001, intitulada “Universal dá sinal verde para PL apoiar PT”⁸, explica que nenhuma decisão do PL é tomada sem o consentimento da Universal, que juntamente com algumas outras denominações evangélicas controlam metade de sua bancada federal. Além disso, a reportagem traz a fala do deputado federal do PL, o Bispo Rodrigues, então coordenador político da Igreja Universal, sobre o caso: “Já decidimos apoiar um candidato de centro-esquerda e não há problema algum em que seja o Lula. Diria inclusive que este é um dos cenários prováveis.” E mais: “A igreja está dividida meio a meio. O Garotinho [na época, governador do Rio de Janeiro] é evangélico, seria o nosso candidato do coração. Mas com o Lula teríamos a oportunidade inédita de dar uma nova cara para o país”. Essa inclinação da escolha por Lula ao invés do “candidato do coração” evangélico já parece indicar que, para a IURD (assim como diversos atores políticos), a oportunidade pode ser mais importante do que a identificação para a formação de alianças.

Uma coluna de Gilberto Dimenstein, ainda em 2001, ajuda a entender o cenário das mudanças de posições que estavam se desenhando no cenário pré-eleitoral:

“O PT é uma esperança”, disse na semana passada o deputado Bispo Rodrigues (PL-RJ), coordenador político da Universal – o que significa subordinação ao bispo Edir Macedo. De Paris, Lula negou que tivesse marcado um jantar com Edir Macedo, destinado a selar um entendimento. O fato, porém, é que

⁸ “Universal dá sinal verde para PL apoiar PT”, 2001. Por Fábio Zanini. Jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0310200116.htm>. Acesso em 04/11/2023.

o PT e o PL, este dominado pelos evangélicos da Universal, caminham para o mesmo altar político. Nas conversas de bastidores, articula-se entregar a vaga de vice na chapa de Lula ao senador José Alencar, que acaba de filiar-se ao PL – numa cerimônia prestigiada pelos petistas. É uma jogada e tanto. Apoiado num discurso mais moderado, a tal "versão *light*", Lula ultrapassou a linha dos 30% de intenção de voto, mas, acostumado a derrotas, sabe que o segundo turno é uma nova eleição. Os evangélicos não são a maioria dos eleitores brasileiros, mas aparecem como a força política mais organizada do país, o que é visível no tamanho de suas bancadas parlamentares. (Dimenstein, 2001)⁹.

Apesar das inclinações, antes da confirmação da aliança, várias hesitações aconteceram até a oficialização da chapa Lula (PT) e José Alencar (PL). A aliança demandou um esforço de Lula, que buscou moderar o discurso, se afastar dos movimentos sociais e entregar a elaboração do plano de governo ao PL. Além disso, como já demonstrou Oro (2002), foi necessário, também, um alinhamento de discursos de ambos os lados sobre a urgência de uma atuação política mais ética. Esse discurso se encaixa na cosmovisão da igreja, que enxerga o mundo através da batalha espiritual entre o bem e o mal e, evidentemente, a política e seus espaços institucionais não estão isentos dessa interpretação. Dessa forma, seria necessário levar as pessoas de Deus para a política (Campos e Souza, 2020), logo, para os iurdianos o voto em seus pares constitui um ato religioso (Oro, 2002).

No entanto, mesmo com o alinhamento dos discursos e com o esforço do PT para ser mais aceito pelos setores conservadores e liberais, a união desagradou a ambos os lados. As alas mais à esquerda do partido foram combativas à decisão da cúpula moderada de se unir com os liberais e com

⁹ “Lula, Deus e o Diabo na terra do sol”, 2001. Por Gilberto Dimenstein. Jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0710200124.htm>. Acesso em: 04/11/2023.

os religiosos, lançando o slogan “Edir Macedo não é meu companheiro”¹⁰. A relação de benefícios mútuos que a aliança poderia proporcionar, no entanto, pesou mais do que as recusas e protestos contra a coligação.

Naquele momento, a Universal enxerga tal cenário e aposta no seu crescimento midiático devido ao previsto cenário econômico que estaria por vir com o governo petista, conforme mostra matéria do jornal Folha de São Paulo, “Record aposta em Lula para crescer 30% em 2003”¹¹, publicada no dia 20 de dezembro de 2002, já após vitória da chapa PT-PL:

O novo governo vai privilegiar as classes menos favorecidas. Essas pessoas vão consumir mais e o anunciante vai aumentar os investimentos em publicidade na TV aberta”, afirma Walter Zagari, superintendente comercial da rede da Igreja Universal do Reino de Deus, amparada politicamente no PL, partido da base de sustentação do futuro governo federal. Se essa premissa simplista der certo, a Record irá fechar 2003 com uma receita de R\$ 360 milhões. Além do crescimento dos investimentos publicitários, a emissora também conta com a retomada da produção de telenovelas, no segundo semestre, e com a transmissão de futebol (ainda não garantida) para incrementar seu faturamento no próximo ano.

Assim, um alinhamento vantajoso entre a política econômica que estava por vir com Lula e o crescimento das instituições ligadas à IURD, para qual a mídia é uma dimensão central, é um ponto de destaque para a formação da coligação. A aliança, certamente, seria extremamente benéfica para os liberais, profundamente ligados à ampla classe empresarial brasileira. Nesse âmbito, Leitão (2021) aponta uma contradição já presente no final do século XX que se aprofunda ainda mais a partir dos governos petistas: se,

¹⁰ “Esquerda do partido reage à aliança”, 2002. Por Fábio Zanini. Jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2102200204.htm>. Acesso em: 04/11/2023.

¹¹ “Outro canal: Record aposta em Lula para crescer 30% em 2003”, 2002. Por Daniel Castro. Jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u29582.shtml>. Acesso em: 04/11/2023.

por um lado, a noção do indivíduo enquanto cidadão de direitos políticos se difundia no país, por outro, ao mesmo tempo se instala no pensamento social um individualismo meritocrático neoliberal.

Além da oportunidade de crescimento midiático e empresarial, a cena econômica fomentada pelo governo Lula pode ser apontada como oportuna para que a Universal fosse capaz, também, de potencializar a sua presença em outras esferas, tanto pelo fato da instituição religiosa encontrar cenário para crescer materialmente, como, cabe dizer, por sua teologia encontrar mais operacionalidade prática e fazer sentido na realidade social das pessoas. A esse respeito alguns autores como Miguel (2018) e Gracino (2008) argumentam que a lógica da cidadania pelo consumo¹², marcada por uma mobilidade social individual, certamente contribuiu para permitir a penetração de visões introjetadas no imaginário social na década de 1990, com a importação de valores mercantis individualistas com grande ênfase no “empreendedorismo” tão reforçado pela pregação da teologia da prosperidade. Esse fator está ligado a uma produção de subjetividade, afinal, é possível questionar: quantos dos cidadãos atingidos pela teologia da prosperidade não são aqueles atingidos pelos programas socioeconômicos fundados e/ou ampliados pelo lulopetismo?

De fato, no contexto de assistência social fomentado pelo governo Lula, com a economia nacional em crescimento e com o dinheiro em circulação nas classes médias e baixas da sociedade, a teologia da prosperidade encontra, sim, um terreno fértil para mostrar seu impacto prático na vida das pessoas,

¹² Apesar dessa expressão ser comumente utilizada para falar de resultados econômicos dos governos petistas, é importante ressaltar que a política econômica-cidadã implementada pelo PT não deve ser reduzida apenas à expansão do acesso ao consumo para a população de níveis de renda mais baixo: financiamentos públicos de programas voltados para moradia, vacinação e acesso à saúde, expansão do acesso à educação superior, segurança alimentar, entre outros, não devem ser ignorados. Deixamos claro, então, que o termo “cidadania através do consumo” utilizado serve para referir apenas uma parcela desse empreendimento de política em prol da cidadania, não pretendendo fornecer percepções reducionistas da economia petista, tema sobre o qual não pretendemos focar em si.

algo que, como já explicaram Pierucci e Prandi (1996), surgiu inovando bastante em termos de matéria de comportamento religioso, ofertando respostas “efetivas” às demandas reais da realidade social de seus adeptos. Tratando-se de tal alinhamento, as fronteiras entre “momento econômico propício” e “fé e força de vontade individual” tornam-se, então, nebulosas. Quanto a isso é possível recorrer à proposta de Talal Asad, que privilegia a discussão da religião como feita a partir de práticas sociais (Asad, 2010). Se tomarmos a teologia da prosperidade enquanto prática, os aconselhamentos/cursos sobre gestão financeira e familiar e o estímulo ao empreendedorismo (já bastantes explorados pela literatura) representam modos de fazer religiosos potentes para as análises que cercam a relação da cidadania através do consumo dos governos petistas como um terreno fértil para a teologia da prosperidade se tornar mais “palpável” e “eficaz”, por assim dizer, na vida dos crentes iurdianos.

Avançando na discussão, nesse momento do início da aliança, a Igreja estava prestes a expandir seu império, com um crescimento significativo na política, tendo o expressivo fato de ter eleito seu primeiro senador, Marcelo Crivella, Bispo da IURD e sobrinho de Edir Macedo. Crivella foi eleito pelo PL-RJ, com mais de 3 milhões de votos, superando políticos tradicionais. Quanto a isso, Campos e Souza (2020) explicam que tal relação foi importante para o crescimento da Igreja dentro e fora do Brasil:

Em encontro com pastores de diferentes denominações, Crivella falava sobre os desafios de evangelizar em diversos países, quando destacou as dificuldades de adentrar países mulçumanos, que chegaram até mesmo a proibir a entrada da IURD, e a importância do ex-presidente Lula nesse imbróglio. Segundo ele, Lula teria escrito carta a punho em que o apresentava enquanto amigo e pessoa de confiança, para que ele assim conseguisse relações mais amigáveis nesses países. (Campos e Souza, 2020, p. 5).

É importante ressaltar que, naquele momento, era difícil falar em um apoio unilateral da Igreja, já que parte dos deputados da IURD se encontravam em outros partidos, mesmo de oposição ao governo federal, e muitas

vezes tinham que seguir os interesses do partido em detrimento da Igreja. Com tal cenário, Fonseca (1998) afirma, ainda na década de 1990, que não haveria um “voto iurdiano” no Congresso. Oro (2003) explicou que isso não refletia em uma incapacidade de organização política da IURD, mas sim parecia revelar um modo “sofisticado” de fazer política, distribuindo seus representantes em diversos partidos para alcançar melhor poder de barganha política (Oro, 2003). No entanto, essa estrutura foi completamente alterada a partir do surgimento do Partido Republicado Brasileiro (PRB).

O PRB, hoje Republicanos, começou a tomar forma no final de 2003, primeiro ano de governo de Lula, como Partido Municipalista Renovador¹³. A articulação para a criação do partido foi realizada por pastores da Igreja Universal, filiados então ao PL. Como explica Ives (2016), a decisão do grupo de sair do PL pode ter sido motivada por uma sensação de perda de influência em seu interior, já que o partido cresceu com a entrada da Universal, mas depois da vitória de Lula, já podia prescindir da igreja. Esse fator, aliado à resistência de outros partidos de aceitarem os políticos iurdianos, podem explicar a criação da nova sigla (IVES, 2016). O registro foi conferido pelo Tribunal Superior Eleitoral em agosto de 2005 e, no mês seguinte, José Alencar deixou o PL e se filiou ao PRB, com o qual disputou novamente a vice-presidência na chapa com o PT em 2006. Nesse contexto, Ives documenta que:

Mantinha-se vigente a estratégia eleitoral de atrair votos de frequentadores da Universal. [...]. O presidente de fato do PRB, desde a criação como PMR, era Vitor Paulo Araújo dos Santos, deputado distrital no período 2003-06 pelo PSDB, ex-diretor da TV Record e bispo licenciado da Universal. Entre 2005 e 2008, presidiu a Associação Brasileira de Radiodifusão, Tecnologia e Telecomunicações (ABRATEL), instituição que defende os interesses de veículos de radiodifusão e que está ligada à Rede Record (Ives, 2016, p. 58).

¹³ A legenda mudou seu nome para Partido Republicano Brasileiro (PRB) logo após o registro conferido pelo TSE (em agosto de 2005) por sugestão do vice-presidente da república, José Alencar, que sugeriu a mudança em meio às denúncias do Mensalão.

O triplo alinhamento de “funções” – político do PRB, Bispo da IURD e cargo de direção na TV Record –, como é possível observar na citação através da figura de Vitor Paulo Araújo dos Santos, é muito comum quando observamos os atores políticos de destaque ligados à Universal. Isso indica que os domínios da *política, religião e mídia* (PRB, IURD e Record) devem ser analisados de forma completamente interligada quando se trata da presença pública da Universal. Trata-se evidentemente da sua forma de presença mais importante e constante. Um outro exemplo que pode ser citado nessa dinâmica é o atual presidente do PRB, Marcos Pereira¹⁴: Bispo licenciado da IURD, deputado federal e presidente do PRB e ex-diretor administrativo e financeiro da Rede Record. Além disso, não apenas os cargos administrativos na Record são usados para ascender na plataforma política da Universal. Há também o foco em figuras midiáticas, que, por seu carisma em exibições da TV, ficam conhecidos pela população (Ver Camara, 2026).

Conforme aponta Leitão (2021), apesar de a IURD ter estado ao lado dos governos federais até então, foi no governo Lula que ela passou a ter uma relação estreita com o governo federal. Além de o partido ligado à igreja ter ocupado o cargo de vice-presidência, Leitão (2021) chama atenção para a nomeação como Ministro da Justiça de Marcio Thomas Bastos, que foi advogado do Bispo Macedo na sua prisão. Esses dois fatos proporcionaram uma atmosfera de fácil circulação (Leitão, 2021). Ainda alguns outros fatos podem chamar atenção, como Lula conceder passaporte diplomático para Edir Macedo¹⁵, o que se repetiu no governo Dilma; Lula defender Macedo em sua “guerra” com alguns órgãos da imprensa¹⁶, alegando que isso faz

¹⁴ Marcos Pereira foi um ator importante no final da coligação entre a IURD e o PT, já que representou uma força política que apoiou o *impeachment* de Dilma e, depois, virou ministro do governo de Michel Temer.

¹⁵ “Edir Macedo tinha passaporte diplomático sob Lula e Dilma. O que diz a lei?”, 2017. Por Stella Borges. Uol. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/04/15/passaporte-diplomatico-o-que-e.htm>. Acesso em: 04/11/2023.

¹⁶ “Ações da Universal encorajam PT”, 2008. Por Raymundo Costa e Cristiano Romero. Jornal Valor Econômico. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/>

parte da liberdade de expressão e de imprensa, e, principalmente, podemos destacar que a aliança foi extremamente benéfica para a Universal quando se trata de concessões de mídia. Conforme registrou Leitão (2021), através do governo de Lula, Macedo conseguiu ampliar suas concessões de televisão de forma que, antes, seria considerada ilegal (ver Leitão, 2021, p. 133 e 134). Uma “gambiarra” jurídica, por assim dizer, que demonstra que as relações entre o governo federal e a IURD eram próximas e feitas a partir de um cortejo mútuo em prol de relações benéficas, como também pode ser observado no caso, já citado, da carta de Lula para alguns governos africanos relatado por Crivella.

Quando falamos em eventos públicos, tanto de alcance geral nacional (como na mídia), quanto local (como em eventos propriamente da igreja), a IURD parecia ostentar uma relação boa e cordial com o governo federal, principalmente no segundo mandato de Lula (quando o vice, José Alencar, pertencia ao partido ligado à Universal). É possível destacar dois eventos públicos que chamam atenção.

O primeiro ocorreu em 2007, na estreia do canal “Record News”, evento televisionado que contou com a presença de autoridades políticas estaduais (SP) e federais, dentre as quais estava o presidente Lula. Em seu discurso, o presidente argumentou que a estreia do canal Record News representa um grande momento para a história da televisão brasileira e “contribui para que os cidadãos exerçam aquele que é um dos seus mais sagrados direitos democráticos: o acesso à informação”. O discurso ainda destaca os desafios do jornalismo, como a missão de informar com independência, precisão, imparcialidade e equidade, respeitando a pluralidade de opiniões e, além disso, menciona a competência e dedicação dos envolvidos na criação do canal, enfatizando o objetivo de avançar na democratização da comunicação no país¹⁷.

handle/id/484270/noticia.htm?sequence=1. Acesso em: 04/11/2023.

¹⁷ O programa de inauguração pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=dEFDX0bZn0>.

Ao fim de demais pronunciamentos e apresentação do novo canal, Lula e Edir Macedo apertam juntos o botão de “no ar”, ato simbólico de inauguração oficial do canal com o objetivo de “democratizar a informação” (como proferiu Macedo em seu discurso no evento):

Figura 1: Lula e Macedo na inauguração do “Record News”, em 27/07/2007



Fonte: Reprodução/Ricardo Stuckert (2007)¹⁸

O outro evento que chama atenção ocorreu já no final do governo lulista, quando José Alencar viajou a Belo Horizonte (MG) para participar do 10º Congresso Empresarial da Igreja Universal, onde discursou sobre empreendedorismo e mundo empresarial, inclusive contando de sua trajetória de esforço e boas escolhas que resultaram em sua vida empresarial que

¹⁸ É possível acessar a fotografia com a qualidade original e informações técnicas no Acervo Livre da Wikimedia Commons, disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Lula_and_Edir_Macedo_in_the_launch_of_Record_News_2.jpg. Acesso em: 04/11/2023.

é “um sucesso, graças a Deus”. Também comentou sobre seus problemas de saúde, que quase o levaram ao óbito, comentando que seu bem-estar era um verdadeiro milagre de Deus. Autodeclarando-se um homem de fé, Alencar não poupou a linguagem religiosa e os elogios à Igreja Universal.

Meus amigos, Eu estou realmente encantado de ver vocês aqui. É uma igreja maravilhosa, em todo sentido. Lindíssima, confortável, bonita, bem situada, e vocês estão aqui. E a presença de vocês enriquece de tal forma o espaço, que me deixa meio inibido. Eu estou preocupado, o que é que eu vou dizer para vocês? Vocês estão habituados a ouvir os grandes mestres da Igreja Universal do Reino de Deus, a começar pelo bispo Edir Macedo, pelo bispo Alfredo Paulo, e agora vocês estavam ouvindo o bispo Marcelo Crivella, que é senador da República, representando o estado do Rio de Janeiro. E eu não sou nada, especialmente perto deles. Mas sou um cidadão brasileiro, mas me igualo a vocês porque eu vejo que vocês têm fé e eu também tenho fé, muita fé. (p. 1)¹⁹.

Ainda acrescenta, em outro momento, que Lula, com quem falava ao telefone pouco antes de chegar no evento, “me pediu até que trouxesse também, para vocês, o abraço dele, o abraço dele...” (p. 19).

Esses dois casos revelam não apenas demonstrações públicas de boas relações (muito benéficas para a imagem da IURD, que parece mais influente e poderosa na esfera pública/política por ocupar espaço de relevância perto do alto escalão do governo federal), mas também um alinhamento de discursos e narrativas. E isso não apenas ocorreu nos eventos, mas na própria forma da Universal de descrever o país através da redução da desigualdade social. Uma matéria do jornal Folha Universal publicada nos meses finais do último ano do governo Lula retrata tal cenário através de um discurso antielitista:

¹⁹ Todo o discurso foi transcrito pela equipe do governo federal e pode ser lido em arquivo presente no acervo da “Biblioteca da Presidência da República”, através do link abaixo: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/luiz-inacio-lula-da-silva/vice-presidente/discursos-vice-presidente/2o-mandato/15-03-2010-discurso-do-presidente-da-republica-em-exercicio-jose-alencar-durante-o-congresso-empresarial-da-igreja-universal/view>. Acesso em: 04/11/2023.

“Acostumados durante décadas a serem os únicos a frequentar universidades, aeroportos e centros de compra, ricos não economizam nas demonstrações de preconceito contra a nova classe média brasileira.”. A imagem abaixo é a capa da edição 973 da Folha Universal, onde a matéria foi publicada:

Figura 2 - Capa da Folha Universal, nº 973, Edição Nacional de 28 de novembro a 4 de dezembro de 2010



Fonte: Reprodução/Plataforma Calameo (2010)²⁰

²⁰ Jornal completo digitalizado: <https://www.calameo.com/books/000724797445409106195>. Acesso em: 04/11/2023.

O texto que consta na capa remete às palavras utilizadas por um jornalista da Globo (uma das maiores rivais da IURD) que proferiu que, naquele momento, qualquer “miserável” poderia comprar um carro. O jornal rebate com crítica através da descrição do novo momento do país:

Comentários como estes, mesmo que muitas vezes velados, são correntes na nossa sociedade. Ainda mais agora, que estamos assistindo à ascensão de milhões de brasileiros que antes estavam à margem do consumo e hoje respondem por quase R\$430 bilhões da renda anual da população do país. [...] A tradicional classe média brasileira se consolidou explorando mão de obra barata, pouco especializada e pouco exigente. Com mais renda e qualificação, os trabalhadores passam a ser mais exigentes, recebem melhores salários e adquirem bens que anteriormente simbolizavam o status da classe média tradicional. (Folha Universal, nº 973, p. 8 e 9).

Ao que parece, essa forma de descrever o país como próspero em relação à redução de desigualdades foi se tornando mais recorrente nas edições da Folha Universal a partir do final do governo Lula. Por outro lado, nossos dados demonstraram uma maior ausência de notícias ou eventos públicos que aproximasse de fato a IURD do governo federal na esfera pública ao longo do primeiro mandato de Lula. Defendemos a hipótese de que é a partir de 2005, com a filiação de José Alencar ao recém criado PRB e com a vitória da chapa PT-PRB nas eleições desse mesmo ano, que as relações das figuras ligadas à igreja e ao governo federal se estreitaram na esfera pública, bem como um alinhamento narrativo quanto à prosperidade do país começa a ser observada, especialmente no final do segundo mandato de Lula (2006-2010). Os temas de política tornam-se mais assíduos nos canais da IURD à medida que as eleições de 2010 se aproximam e, além disso, a forma de abordar tais temáticas tornaram-se menos vagos e mais direcionados para a posição que a igreja iria seguir em breve.

AS ELEIÇÕES DE 2010 E A PRESENÇA DA IURD NO PRIMEIRO GOVERNO DILMA (2011-2014)

Na corrida eleitoral de 2010, foi possível observar, pela primeira vez, a defesa e o apoio explícitos da IURD em prol do PT. A maneira como a IURD usou os meios de comunicação oficiais da igreja (como o Jornal Folha Universal e o *Blog* do Edir Macedo) para defender Dilma e fazer campanha para a candidata, especialmente nas vésperas do primeiro e do segundo turno, chama a atenção. Por parte do PT, a campanha foi marcada pela adoção de uma linguagem mais religiosa, isso se deu pelo fato de que Dilma precisou buscar o apoio dos evangélicos e da Igreja Católica, a qual protagonizou uma campanha difamatória contra a candidata, causando pânico morais em relação, principalmente, à pauta do aborto.

As notícias falsas espalhadas sobre a candidata foram rebatidas pela IURD com muita veemência, como atesta a matéria do site oficial da Universal, na sessão do *blog* de Edir Macedo, “Dilma é vítima de mentiras espalhadas pela *internet*”²¹ (Setembro de 2010). No texto, o bispo, em tom de afronta, comenta sobre os cristãos que espalham boatos na *internet* como um desserviço ao Reino de Deus, cedendo ao jogo do diabo. Ainda ressalta a importância de votar de forma consciente e responsável, sem cair nas mentiras mal elaboradas criadas por pessoas mal intencionadas a fim de atrapalhar o trabalho sério de alguns candidatos. A fala reforça que posicionamentos políticos não estão à parte do mundo dos valores cristãos, o que justifica o esforço da igreja para engajar politicamente seus fiéis, já que não envolve apenas práticas de atores políticos, mas também de atores religiosos.

Às mensagens sobre política, e também sobre notícias em geral, são oferecidas uma perspectiva religiosa, embora em muitas das matérias (conforme observamos na Folha Universal) não há a adoção da linguagem religiosa.

²¹ “Dilma é vítima de mentiras espalhadas pela internet”, 2010. Por Edir Macedo. *Blog* do Edir Macedo, Universal.org. Disponível em: <https://www.universal.org/bispo-macedo/post/dilma-e-vitima-de-mentiras-espalhadas-pela-internet/> Acesso em: 12/11/2023.

além disso, temas como empreendedorismo, vida financeira, planejamento familiar, entre outros, são temas de culto na igreja e o sucesso em cada uma dessas esferas provém das bênçãos divinas.

Avançando na discussão, ainda em setembro de 2010, faltando poucas semanas para o primeiro turno eleitoral, Dilma também se posicionava e combatia as calúnias. Nesse ponto, chama atenção a divulgação de uma carta da então candidata.

Figura 3: Carta de Dilma publicada no dia 15/10/2012

MENSAGEM DA DILMA

Dirijo-me mais uma vez a vocês, com o carinho e o respeito que merecem os que sonham com um Brasil cada vez mais perto da premissa do Evangelho de desejar ao próximo o que queremos para nós mesmos. É com esta convicção que resolvi pôr um fim definitivo à campanha de calúnias e boatos espalhados por meus adversários eleitorais. Para não permitir que prevaleça a mentira como arma em busca de votos, em nome da verdade quero reafirmar:

1. Defendo a convivência entre as diferentes religiões e a liberdade religiosa, assegurada pela Constituição Federal;
2. Sou pessoalmente contra o aborto e defendo a manutenção da legislação atual sobre o assunto;
3. Eleita presidente da República, não tomarei a iniciativa de propor alterações de pontos que tratem da legislação do aborto e de outros temas concernentes à família e à livre expressão de qualquer religião no País.
4. O PNDH3 é uma ampla carta de intenções, que incorporou itens do programa anterior. Está sendo revisto e, se eleita, não pretendo promover nenhuma iniciativa que afronte a família;
5. Com relação ao PLC 122, caso aprovado no Senado, onde tramita atualmente, será sancionado em meu futuro governo nos artigos que não violem a liberdade de crença, culto e expressão e demais garantias constitucionais individuais existentes no Brasil;
6. Se Deus quiser e o povo brasileiro me der, a oportunidade de presidir o País, pretendo editar leis e desenvolver programas que tenham a família como foco principal, a exemplo do Bolsa Família, Minha Casa, Minha Vida e tantos outros que resgatem a cidadania e a dignidade humana.

Com estes esclarecimentos, espero contar com vocês para deter a sórdida campanha de calúnias contra mim orquestrada. Não podemos permitir que a mentira se converta em fonte de benefícios eleitorais para aqueles que não têm escrúpulos de manipular a fé e a religião tão respeitada por todos nós. Minha campanha é pela vida, pela paz, pela justiça social, pelo respeito, pela prosperidade e pela convivência entre todas as pessoas.



Dilma Rousseff

Fonte: Reprodução/G1 (2012)²²

²² Dilma divulga carta para 'pôr um fim definitivo à campanha de calúnias', 2010. Por Robson Bonin. G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/>

Além da linguagem religiosa ser um destaque, o que realmente chama atenção é o diálogo que Dilma tenta realizar, ponto a ponto, com as pautas evangélicas em destaque público naquele momento. Na carta, e em outros fluxos discursivos observados entre a Igreja e os atores políticos, é notório o cuidado que a argumentação tem com o eixo “família”, que se apresenta como uma pauta central para os religiosos. Quanto a isso, Santos (2020), apoiada nas teses de Melinda Cooper, explica que a “família” enquanto pauta política está inserida em um processo de reação do neoliberalismo e o novo conservadorismo social quanto à crise nos EUA, propondo uma reinvenção estratégica da privatização das responsabilidades familiares. Com distintos contextos sociais, tal defesa de uma rígida noção de família no centro das disputas políticas ganha forma no Brasil, em que se observa agentes religiosos aliados ao neoliberalismo em uma forte defesa da noção de família. Tal defesa se confere na construção de agendas antagônicas aos movimentos sociais e feministas, e indica, para Santos (2020), a reafirmação da família privada como uma instituição econômica relevante, influente na distribuição de riquezas. Sobre esta lógica, Santos (2020), lembra ainda que, ao lado da família, os fornecedores religiosos foram ativamente incluídos nos contratos governamentais tanto de direita como de esquerda (ver Santos, 2020, p. 2). Assim, talvez seja possível situar um alinhamento entre os projetos políticos da IURD e do PT nesse cenário analisado por Santos (2020) sobre o reforço da responsabilidade familiar enquanto instituição social relevante. A crescente privatização de responsabilidades sociais de gestão, que cada vez mais são delegadas às famílias, encontra eco na abordagem *coaching* e de autoajuda adotada pela IURD na gestão familiar, conforme mencionado anteriormente.

Além disso, conforme é possível observar, na carta, Dilma tenta se desassociar da questão do aborto. A IURD, por sua vez, pouco mais de uma semana antes da divulgação da mensagem de Dilma à população, realiza o caminho contrário: ao invés de tentar se esquivar ou abafar a pauta do

noticia/2010/10/dilma-divulga-carta-para-por-um-fim-definitivo-campanha-de-calunias.html. Acesso em: 04/11/2023.

aborto naquele momento, Edir Macedo publica em seu *blog* o texto “Jesus fala sobre o aborto”²³, onde o Bispo se posiciona pessoalmente a favor do procedimento. Macedo explica que, por sua fé, não pode ser hipócrita em relação a esse tema e defende que o aborto é efeito, e não causa do problema, o qual começa por falta de informação e de ações preventivas. Ainda escreve que o embasamento bíblico de seus argumentos está em Mateus 26-24, sobre o anúncio de Jesus prevendo que um de seus apóstolos o trairia: “O Filho do homem vai, como está escrito a seu respeito, mas ai daquele por intermédio de quem o Filho do homem está sendo traído! Melhor lhe fora não haver nascido!” (grifo de Macedo). O Bispo interpreta tal passagem: “No meu entendimento, essa última frase pode ser interpretada como: seria melhor que Judas tivesse sido abortado. Melhor do que o futuro de sua alma.” (Macedo, 2010).

Esse entendimento do líder da IURD destoava do segmento religioso do qual faz parte²⁴ e, no contexto das eleições de 2010, a defesa de sua posição foi realizada de maneira fortemente contestatória, no entanto, isso não parece representar o padrão de atuação da igreja em relação ao tema. Conforme já explicou Barbosa (2016), apesar do posicionamento oficial da igreja, esta é uma pauta ligada a um conservadorismo moral amplamente presente no segmento cristão, por isso, a IURD procura não polemizar tal questão para não prejudicar sua imagem e a dos agentes políticos a qual apoia. No contexto em questão, no âmbito da política federal²⁵, a Universal também

²³ “Jesus fala sobre o aborto”, 2010. Por Edir Macedo. *Blog* do Edir Macedo, Universal.org. Disponível em: <https://www.universal.org/bispo-macedo/post/jesus-fala-sobre-o-aborto/>. Acesso em: 04/11/2023.

²⁴ Atualmente, o Bispo se declara contra o procedimento, conforme comentaremos mais à frente.

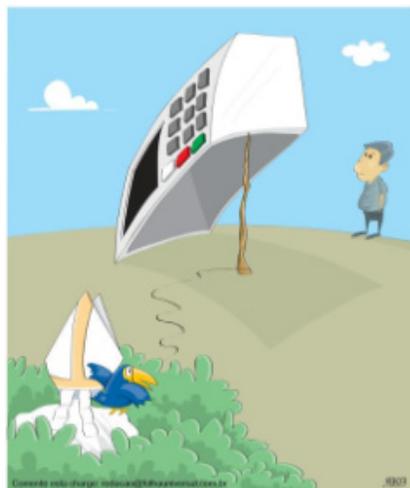
²⁵ Quando se trata dos níveis estaduais e municipais, as pautas morais possuem outros direcionamentos e se apresentam de diferentes formas e momentos. Além disso, é importante ressaltar que essa análise concerne ao período dos governos petistas, sendo assim, não contemplam as posições da igreja após a virada política conservadora nos governos de Michel Temer e de Jair Bolsonaro. Estudos comparativos entre a presença

se diferenciava do segmento evangélico por não ter a mesma intensidade de mobilização da agenda moral, a não ser que sua defesa seja necessária para criar relações comunicativas alinhadas ao governo de situação (Ver Almeida, 2017, p. 19 e 20).

A campanha eleitoral de 2010, por parte da IURD, também foi palco de conflitos com a Igreja Católica, com o PSDB (Partido da Social-Democracia Brasileira) e com demais líderes evangélicos que se opunham à então candidata Dilma Rousseff. Entre o primeiro e segundo turno, o jornal Folha Universal lança uma matéria extensa (que ocupou 5 páginas inteiras do jornal) que reforçava as acusações que a Igreja Católica era a origem dos boatos e panfletos caluniosos contra Dilma. Na charge abaixo, a Universal retrata os bispos católicos e os “tucanos” (representantes do PSDB) juntos realizando uma armadilha (a campanha difamatória contra a petista) para angariar votos:

pública e política da igreja nos governos petistas e no governo Bolsonaro, podem ser reveladoras em muitos aspectos para que seja possível compreender melhor como as pautas morais são evitadas ou utilizadas para criar alinhamentos comunicativos com o governo de situação. Tais estudos ainda precisam ser realizados.

Figura 4: Charge presente na página 2 da Folha Universal, nº 968, Edição Nacional de 24 a 30 de outubro de 2010



Fonte: Reprodução/Plataforma Calaméo (2010)²⁶

Na matéria, vários pontos interessantes são levantados: calúnia, crime eleitoral, ausência de propostas de José Serra (PSDB), pronunciamentos de Dilma sobre boatos e a retratação da mesma como uma defensora da igualdade. Os argumentos e descrição dos casos na reportagem foram intercalados com opiniões de cientistas sociais sobre o assunto, como foi o caso da socióloga da religião Maria das Dores Campos Machado. O jornal retrata tal cenário como inédito: “Segundo especialistas, não há registro de um ataque tão intenso e de tentativas tão diretas de misturar religião e política nas eleições presidenciais” (Folha Universal, nº 968, p. 13 e 14).

Na mesma edição onde consta o artigo, o editorial também gerou desavenças dentro do segmento evangélico. Na contra-capa do jornal, está o texto, originalmente publicado no *Blog* de Edir Macedo, em que Macedo

²⁶ Jornal completo digitalizado: <https://www.calameo.com/books/0007247970a8d766985ee>. Acesso em: 04/11/2023.

associa a figura de Malafaia com o “profeta velho” e aponta a incoerência política do pastor da ADVEC (Assembléia de Deus Vitória em Cristo), que utilizou de desculpas como o “aborto” ou o “casamento de homossexuais” (classificados por Macedo como “argumentos frágeis”) para justificar alianças ou rompimentos.

Na edição seguinte do jornal, lançado no dia do segundo turno da eleição presidencial, a IURD continua sua campanha de apoio explícito e contundente à Dilma: foi publicada uma matéria, assinada por Marcelo Crivella, intitulada “7 razões para votar em Dilma”²⁷, ocupando página inteira da contracapa da Folha Universal. Os argumentos baseiam-se na continuação do governo Lula, compara as trajetórias de Lula e de Edir Macedo e mostram que está na hora de uma mulher no poder, que respeite as igrejas, a liberdade de culto e os valores cristãos:

²⁷ “Jornal da Igreja Universal publica sete razões para votar em Dilma”, 2010. Jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2010/11/824028-jornal-da-igreja-universal-publica-sete-razoas-para-votar-em-dilma.shtml>. Acesso em: 04/11/2023.

Figura 5: Contra-capa da Folha Universal, nº 969, Edição Nacional de 31 de outubro a 06 de novembro de 2010

ponto final De 31 de outubro a 6 de novembro de 2010 - Nº 969 folha Universal

ARTIGO
Senador Marcelo Crivella

7 RAZÕES para votar em DILMA

- 1 "Deus escolheu as coisas loucas do mundo para emergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para emergonhar as fortes" (1. Corintios 1. 27), como nas histórias do presidente Lula e do bispo Edir Macedo. Eles vieram do povo, foram julgados e perseguidos pelas elites do País e cresceram com a força do povo.
- 2 Dilma vai prosseguir o governo de Lula, que já tirou 24 milhões de brasileiros da pobreza. Nunca um governo conseguiu reduzir tanto a desigualdade entre ricos e pobres.
- 3 A população carente tem hoje mais do que comida na mesa: tem dignidade. Além da ajuda direta dos programas sociais do governo Lula, o povo ganhou emprego. Mais de 15 milhões de vagas foram criadas. Isso precisa continuar.
- 4 Dilma é respeitada no exterior por sua competência mostrada durante o governo Lula. Ajudou a devolver a autoestima dos brasileiros com a descoberta de novas reservas de petróleo e com as conquistas da Olimpíada e da Copa do Mundo.
- 5 Conhece como ninguém o PAC que é o maior programa de obras da história do País. Nossa economia está firme. Fomos os últimos a entrar e os primeiros a sair da maior crise econômica das últimas décadas. Optar por outro candidato é correr o risco de jogar fora todas as conquistas do povo brasileiro.
- 6 É hora de uma mulher no governo. Tem as cicatrizes da tortura na sua luta por justiça e liberdade nos tempos da ditadura. Aprendeu na pele o que é democracia.
- 7 Vai governar respeitando as igrejas de todas as denominações e a liberdade de culto. Respeita os valores cristãos de defesa da vida e da família. Tem um compromisso pessoal em apoiar os ideais do Evangelho, princípio maior da Igreja Universal do Reino de Deus.



Fonte: Reprodução/Acervo Uol (2010)

Assim, a campanha eleitoral de 2010 já demonstrava que a aliança PT-IURD estaria selada com a vitória de Dilma e, de fato, a posse da presidenta foi muito celebrada e prestigiosa para a igreja, que a chamou de a “posse da honra”:

Figura 6 - Capa da Folha Universal, nº 979, Edição Nacional de 9 a 15 de janeiro de 2011



Fonte: Reprodução/Plataforma Calaméo (2011)²⁸

²⁸ “Volta por cima”, 2011. Por João Mendes de Jesus. *Blog do Edir Macedo*, Universal.org. Disponível em: <https://www.universal.org/bispo-macedo/post/volta-por-cima/>.

A capa da Folha Universal contrasta o momento da prisão de Edir Macedo em 1992, episódio visto pela igreja como humilhante e produto de perseguição, com o evento da posse em 2011, onde o Bispo (acompanhado pela cúpula da Record), ao lado de diversas autoridades nacionais e internacionais, foi recebido e cumprimentado por Dilma. Essa maneira de retratar o significado da presença de Macedo na posse é interessante pois ressalta um aspecto importante observado na maneira como a IURD e seus fiéis retratam a si mesmos: como “perseguidos”. Essa categoria identitária tem relação com as controvérsias que sempre estão em cena quando se trata da presença pública da Universal. Como já argumentou Teixeira (2018), tais controvérsias colaboram para a formação e sustentação das visões depreciativas acerca do neopentecostalismo também no meio evangélico e, por isso, a forma como a igreja e seus membros assumem para si a identidade de vítimas de perseguições pode ser associada a um forte ponto de união entre eles. Santos (2021), no entanto, ressalta que a condição de “perseguido” não é algo novo no meio evangélico e, no caso da IURD, a identidade só assume seu pleno sentido quando sua história é acionada, o que deixa claro que a categoria faz parte da construção de identidade da igreja mas também de seus fiéis (Santos, 2021). Isso pode ser observado, também, em um relato escrito por um vereador do PRB e pastor da Universal, que fala sobre como os fiéis também se sentiram saudados quando Edir Macedo foi convidado e cumprimentado por Dilma em sua posse:

O convite recebido pelo bispo Edir Macedo para a posse da presidenta Dilma Rousseff é extremamente simbólico porque resgata, não somente o seu nome, mas, sobretudo, os fiéis da Universal que se sentiram ofendidos e magoados com tamanha sordidez que foi a prisão do líder religioso. [...] Edir Macedo, de forma humilde, nos orgulha, porque sabemos o quanto importante o bispo é para a comunidade evangélica, especialmente para os fiéis da Universal, que, tal qual ao bispo, sentiram-se também homenageados quando a presidente

Acesso em: 04/11/2023.

Dilma Rousseff o cumprimentou no Palácio do Planalto com respeito e consideração.²⁹

É importante observar como fatores subjetivos estão alinhados com o encadeamento de ações da presença pública e, com isso, é fundamental ter em mente que a esfera pública também é marcada por afetos e sensibilidades. Sobre esse aspecto, Connolly (1999) argumenta que os discursos públicos “[...] operam no interior de campos linguísticos densos que especificam como crenças devem ser articuladas e testadas e como reivindicações éticas devem ser recuperadas.” (Connolly, 1999, p. 26). As repetições e defesas dessas articulações, para Connolly, traçam roteiros acerca de locais representacionais de avaliação. Quanto a isso, Hirschkind (2017), debruçando-se sobre a obra de Connolly (1999), explica que os recursos que as tradições religiosas oferecem para o pensamento político atual está justamente na experiência afetiva, que é capaz de moldar práticas de julgamento e razões políticas.

A partir desse momento, Dilma e a IURD mantiveram boas relações durante todo o seu primeiro mandato. Ainda em 2011, cabe destacar, a presidente falou à Folha Universal, parabenizando o jornal por sua milésima edição³⁰, o que pode ser visto como uma reafirmação do bom relacionamento. Além disso, a nomeação do Bispo e senador Marcelo Crivella para assumir a pasta do Ministério da Pesca e Aquicultura do governo Dilma representou a primeira vez de um representante ligado diretamente à Igreja Universal no alto escalão do governo federal³¹. Conforme publicou o Jornal O Globo em

²⁹ “Volta por cima”, 2011. Por João Mendes de Jesus. *Blog do Edir Macedo*, Universal.org. Disponível em: <https://www.universal.org/bispo-macedo/post/volta-por-cima/>. Acesso em: 04/11/2023.

³⁰ Link para o jornal completo digitalizado: <https://www.calameo.com/read/0007247972d-8dbff347b3>. Acesso em: 04/11/2023.

³¹ Talvez seja interessante pontuar que, na ocasião da posse de Crivella, diferentemente do que diversos atores políticos evangélicos costumam fazer em eventos desse tipo, não tentou utilizar uma linguagem predominantemente secular. O discurso do novo ministro citou um conselho de Edir Macedo ao sobrinho, 'Quem pensa nos outros pensa como

reportagem³² sobre a nomeação, essa posição já era uma cobrança do PRB. A matéria traz a fala da ministra da Secretaria das Relações Institucionais, Ideli Salvatti, que declara: “Toda a discussão da presidenta foi no sentido de integrar um partido que, durante todo o período do presidente Lula e agora, durante todo o governo da presidenta Dilma, sempre foi um partido extremamente aliado, firme, e atuante nas ações do governo. É a incorporação efetiva de um precioso aliado de muito tempo do nosso projeto” (sic).

Sobre o significado da nomeação de Crivella para a IURD, é possível chamar atenção para o conteúdo da matéria publicada na Folha Universal sobre o acontecimento. Na capa da edição, de número 1040, é possível visualizar o título “Fé na política”, seguido pelo subtítulo “O senador Marcelo Crivella (PRB-RJ) é o novo ministro do Governo Dilma. Ele assume o Ministério da Pesca. Escolha reflete a importância dos políticos para os evangélicos. Por outro lado, mostra também o papel relevante que a comunidade cristã exerce no cenário político brasileiro.”. A matéria³³, intitulada “A importância do voto cristão”, presente nas páginas 11 e 12 do jornal, aprofunda o significado do subtítulo e fornece interessantes informações sobre a questão.

A reportagem utiliza o argumento de que a entrada de Crivella para a Esplanada dos Ministérios “reforça o reconhecimento do Governo sobre a importância da atuação de políticos evangélicos nos mais diversos projetos e importantes discussões em prol da população brasileira” (Folha Universal,

Deus', e justifica sua falta de preparação e experiência na área de aquicultura: 'Muitas vezes, Deus não chama os mais qualificados, não escolhe os mais qualificados, mas Ele sempre qualifica os escolhidos.'. Sobre a utilização da linguagem secular por líderes religiosos, ver Machado e Burity (2014).

³² “Marcelo Crivella é o novo ministro da Pesca do governo Dilma”, 2012. Por Fernanda da Escóssia, Gerson Camarotti, Catarina Alencastro, Luiza Damé e Chico de Gois. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/marcelo-crivella-o-novo-ministro-da-pesca-do-governo-dilma-4099534>. Acesso em: 04/11/2023.

³³ Link para o jornal completo digitalizado: <https://www.calameo.com/books/000724797e-6dd88dcd66>. Acesso em: 04/11/2023.

nº 1040, p. 11), onde é citado, como exemplo, o caso do “*kit gay*”, no qual os políticos evangélicos, especialmente o PRB, foram fundamentais para pôr fim ao projeto. O jornal diz, inclusive, que Dilma fez questão de ligar para o então senador Crivella para informar a decisão antes de divulgá-la: “A atitude da presidente mostra o respeito que ela sempre demonstrou pela figura do então senador e pela comunidade evangélica” (Folha Universal, nº 1040, p. 11).

A matéria também traz a fala do presidente do PRB, Marcos Pereira, que associa a indicação a um reconhecimento à legenda. Nessa parte, considerações do antropólogo da religião Ari Pedro Oro são acionadas para explicar que o sucesso do PRB, que traz para o campo político importantes elementos simbólicos do campo religioso, tem relação com a Igreja Universal, especialmente seu carisma institucional e sua forma de fazer política (Folha Universal, nº 1040, p. 12).

A utilização de intelectuais e especialistas para dar embasamento à perspectiva que pretendem defender foi observada com certa recorrência quando o assunto é política. Por fim, também chama atenção no texto a explicação de Edir Macedo sobre a importância dos políticos para a comunidade evangélica: “A crença de que a política não é de Deus tem tornado o povo passivo diante do sonho de uma nação grande e forte. (...) Essa situação não pode continuar! (...) O legado de Deus nos mostra que é necessário ter homens e mulheres de fé na política” (Folha Universal, nº 1040, p. 12). Isso reforça o argumento já citado aqui sobre voto (dos cristãos em cristãos) ser um ato religioso.

OS ANOS FINAIS DA ALIANÇA PT-IURD E A MUDANÇA DE POSIÇÃO DA IGREJA

É possível constatar que a aliança entre a IURD e o PT se aprofundou nas eleições de 2010 e nos primeiros anos do governo Dilma. No entanto, esse cenário não teve tanta durabilidade. Possivelmente, o ponto de inflexão

para a aliança política começar, muito lentamente, a enfraquecer foi a onda de protestos iniciada em junho de 2013, momento em que o país foi tomado por manifestações de pautas amplas que, aos poucos, foram sendo instrumentalizadas pela direita, provocando um sentimento anti-esquerda, especialmente antipetista³⁴. Conforme argumenta a socióloga Sabrina Fernandes, em entrevista para o Instituto Humanitas Unisinos³⁵, as jornadas de junho de 2013 marcaram o começo de uma nova conjuntura com ênfase para ações de ruas e intensa repercussão sobre temas políticos, especialmente a corrupção e a disputa entre esquerda e direita. Souza (2016), neste mesmo caminho, explica ser possível falar em uma radicalização do antipetismo situada em uma dupla dimensão analítica: de um lado, atribui-se ao partido a responsabilidade por malfeitos na política brasileira em um cenário de forte crítica ao sistema político; de outro, as mobilizações contra o PT associam-se à mobilização de segmentos conservadores que ganharam ainda mais força discursiva ao longo do ano de 2015, nos protestos contra a presidenta Dilma Rousseff e a favor do *impeachment* (Souza, 2016). Entre os desdobramentos políticos da onda de manifestações de 2013, as incertezas em relação ao rumo da política no país podem ter sido a motivação de uma lenta e cautelosa mudança de comunicação no site oficial da IURD e na Folha Universal. Nesse contexto, o ano de 2014 – época de eleições – foi muito importante para observar a alteração da linha editorial da igreja em relação ao PT.

³⁴ Não pretendo explorar as movimentações e processos desse momento, apenas o cito para fins de contextualização, não como tentativa de análise ou compreensão. Diversas pesquisas têm sido realizadas na tentativa de compreender as jornadas de junho de 2013 e a tamanha complexidade de suas repercussões na atual conjuntura política.

³⁵ “Melancolia, fragmentação e a crise da práxis. Desafios da esquerda brasileira. Entrevista especial com Sabrina Fernandes”, 2017. Por: Patricia Fachin. Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/569025-a-fragmentacao-da-esquerda-a-crise-da-praxis-e-a-melancolia-entrevista-especial-com-sabrina-fernandes>. Acesso em: 04/11/2023.

Mas, antes do início da corrida presidencial, é importante destacar um outro acontecimento: em julho de 2014, foi inaugurado o Templo de Salomão, nova sede mundial da Igreja Universal do Reino de Deus, um mega templo luxuoso e muito simbólico em São Paulo. O evento contou com a presença de várias autoridades políticas, como a presidente Dilma Rousseff (PT), o vice-presidente Michel Temer (PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro), o governador de São Paulo Geraldo Alckmin (PSDB), o prefeito de São Paulo Fernando Haddad (PT), além de diversos ministros da presidência e também do STF (Superior Tribunal Federal), a presidente do STM (Superior Tribunal Militar), diretor da Polícia Federal, governadores, deputados, prefeitos e vereadores. A imagem abaixo foi um registro desse momento, em que é possível observar Edir Macedo e sua esposa, Ester Macedo, ao lado de alguns desses políticos durante a realização de um dos cultos de inauguração:

Figura 7 - Autoridades políticas ao lado de Edir e Ester Macedo na inauguração do Templo de Salomão, em 31/07/2014



Fonte: Reprodução/Record (2014)³⁶

³⁶ Galeria de fotos do evento de inauguração do Templo, no portal online da Record: <https://noticias.r7.com/brasil/fotos/>

Certamente, a inauguração foi uma das maiores demonstrações de poder da IURD através de um evento público, tanto pelos aspectos que dizem respeito propriamente ao tempo, como pela grande demonstração de influência política. O megatemplo revela a IURD como uma igreja que deseja mostrar seu poder, sua perenidade e força religiosa (ver Santos, 2021).

Pouco depois da grande inauguração, as campanhas eleitorais para escolha de presidente, governadores, deputados e senadores teriam início no país. O processo foi marcado pela discussão intensa da crise econômica e da instabilidade política iniciada em 2013. Como mencionado, a onda de protestos de 2013 foi acompanhada por uma lenta mudança de comunicação no site oficial da Universal, principalmente nos meses finais da campanha de reeleição de Dilma Rousseff em 2014, em que não se observou o apoio explícito realizado na campanha anterior. Aos poucos, o nome de Dilma desaparecia das notícias do site, mas o assunto da política se mantinha constante, sempre registrando categorias abertas, sem aprofundamento descritivo, do que seria um bom líder, um governante justo etc. Distintamente do que foi observado nas edições nacionais da Folha Universal nas vésperas dos dois turnos das eleições de 2010, em 2014, a igreja optou por uma aparência mais neutra. Na edição nacional de 28 de setembro a 04 de outubro, nº 1173, lançada poucos dias antes do primeiro turno (marcado para o dia 05 de outubro), a matéria que tratava dos presidencializáveis forneceu o mesmo espaço para os três principais candidatos e organizou suas propostas através das mesmas categorias³⁷.

Além disso, no dia do primeiro turno, uma nova edição do jornal foi publicada e nada foi mencionado quanto às eleições. Sobre política, apenas constava na edição uma notícia positiva sobre o país: “Brasil reduz a fome

maior-espaco-religioso-do-pais-templo-de-salomo-e-inaugurado-01082014#/foto/4.
Acesso em: 04/11/2023.

³⁷ Páginas 4 e 5 da Folha Universal, nº 1173, Edição Nacional de 28 de setembro a 4 de outubro de 2014. Link para acessar o jornal digital e visualizar a página com resolução: <https://www.calameo.com/books/0007247971a0be2e6cb59>. Acesso em: 04/11/2023.

em 82%” (utilizando dados do Mapa da Fome de 2013). Chama atenção que, dias antes do segundo turno, nenhuma matéria do jornal tratou sobre a corrida eleitoral, e no dia do segundo turno, também apenas foi observada apenas uma matéria positiva: “Brasileiros viajam mais de avião” (reforçando que houve uma melhora na qualidade de vida da população que começou a ser notada em 2003). Uma semana após a vitória de Dilma Rousseff, finalmente seu nome foi mencionado no jornal, mas não em um artigo jornalístico ou coluna de opinião: na seção “Frases”, uma foto da presidente dos pé a cabeça é exibida juntamente com a seguinte:

“Conclamo, sem exceção, a todas as brasileiras e brasileiros para nos unirmos em favor do futuro de nossa pátria. Não acredito que essas eleições tenham dividido o País ao meio. Creio que elas mobilizaram ideias e emoções às vezes contraditórias, mas movidas por um sentimento comum: a busca por um futuro melhor” – Dilma Rousseff, durante seu discurso, após confirmação pelo TSE de que foi reeleita. (Folha Universal, nº 1178, p. 14)³⁸.

Já no *site* oficial da IURD, um artigo publicado em setembro de 2014, mês que antecedeu a votação, chamou atenção: o texto “O Brasil tem jeito?”³⁹, publicado pelo *blog* de Edir Macedo, faz um apelo ao engajamento político cristão e convoca-os para uma tomada de consciência quanto às pautas sociais, mas sem aprofundar descritivamente as categorias utilizadas: por exemplo, “Escolha quem realmente tem princípios”, sem explicar quais são os princípios e como reconhecê-los. Essa escolha de linguagem mais generalista parece fornecer margem para os fiéis seguirem a recomendação política de seus líderes e pastores locais. É importante mencionar que tais matérias, por não possuírem direcionamentos explícitos, possuem a capacidade de serem

³⁸ Link para o jornal completo digitalizado: <https://www.calameo.com/read/000724797331d8effad77>. Acesso em: 04/11/2023.

³⁹ “O Brasil tem jeito?”, 2014. Por Edir Macedo. *Blog* do Edir Macedo, Universal.org. Disponível em: <https://www.universal.org/bispo-macedo/post/o-brasil-tem-jeito/>. Acesso em: 04/11/2023.

acionadas tanto para as campanhas dos governos federais, quanto para os governos estaduais, em que se destacou a campanha de Marcelo Crivella para o governo do Rio de Janeiro (em que foi derrotado).

Observando os exemplos citados, é possível resgatar a visão de Montero (2012), que já mencionou que atualmente tem sido possível observar que as igrejas cristãs vêm desenvolvendo interesse na disseminação, entre seus agentes, de um *habitus* adequado às demandas de uma cultura pública. Muitas dessas igrejas têm realizado um movimento de treinamento profissional de seus integrantes, geralmente com o entendimento de que seus agentes devem ser engajados e mobilizados frente às suas responsabilidades sociais. No caso da IURD, esta mobilização se tornou uma das práticas sociais constituintes do que é religião para a igreja.

Dando continuidade, um ponto fundamental do ano de 2014 para a coligação PT-IURD foi a saída de Marcelo Crivella do ministério da pesca, para se candidatar ao governo do estado do Rio de Janeiro nas eleições do mesmo ano. O Bispo conseguiu chegar no segundo turno da disputa, mas não foi eleito para o cargo. Ele apenas seria eleito em 2016, dessa vez para a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. A saída de Crivella do governo federal, certamente, também influenciou a mudança comunicacional da IURD, em que se destacou a adoção de uma linguagem mais generalista nos canais de comunicação da igreja, mesma linha discursiva que o Crivella assumiu em suas campanhas eleitorais, uma postura pública mais suavizada e aberta ao diálogo. É possível enxergar este momento como uma indicação da mudança política que estaria por vir: o apoio do *impeachment*, a coligação com o PMDB de Michel Temer, inclusive com a nomeação de Marcos Pereira como Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, e, posteriormente, o apoio da candidatura de Jair Bolsonaro (na época, do PSL - Partido Social Liberal). O uso das categorias abertas para referir-se a uma necessidade de mudança no cenário nacional e a urgência de um “bom líder”, além da constante chamada dos cristãos para o engajamento político, parecem sinalizar a virada política da IURD para a coligação com os setores mais conservadores. Mas essa foi uma posição tomada aos poucos

e, analisando o processo, é possível ver que a IURD foi se deslizando na conjuntura conforme o cenário político se alterava, talvez possamos falar em termos de uma flutuação tática. No início, tentou descredibilizar os protestos de 2013 e defender formas mais “racionais” de luta política, como mostra a matéria da Folha Universal (edição nacional de 30 de junho a 6 de julho de 2013, nº 1108)⁴⁰, onde é questionado se “o gigante acordou... mesmo?”. Na reportagem, Marcos Pereira é citado pela defesa de que “o melhor protesto é votar certo”, isto é, escolhendo de forma racional seus representantes.

Depois, com a enorme polarização do país que foi se formando ao longo de 2013 e 2014, a IURD parece não arriscar fazer campanha para Dilma Rousseff, mas também não segue o padrão da classe empresarial e dos movimentos ligados à direita, que estavam bombardeando a presidente de críticas. Mesmo porque a igreja sabia que tinha a ganhar com a reeleição de Dilma, já que iria manter sua posição no governo federal. Inclusive, Dilma havia anunciado, no final de 2014, que George Hilton (radialista, político do PRB e pastor da IURD) seria seu ministro dos esportes no segundo mandato, ministério muito importante na ocasião, já que ficaria responsável pelas Olimpíadas de 2016.

Em 2015, após a vitória de Dilma e a intensa onda de protestos a favor de seu *impeachment*, a igreja, primeiro, se posiciona de forma contrária ao processo, como atesta o artigo publicado na Folha Universal (Edição Nacional de 29 de março a 04 de abril de 2015, nº 1199)⁴¹, intitulado “Pelo que você luta?” e subtítulo “Os discursos ouvidos nas ruas pediam o *impeachment* e até golpe militar. Entenda por que essas não são opções inteligentes para quem quer o fim da corrupção no Brasil”. A matéria critica os atos e cartazes agressivos dos manifestantes *pró-impeachment*, posiciona-se

⁴⁰ Link para o jornal completo digitalizado: <https://www.calameo.com/books/000724797b-b43eb5e572b>. Acesso em: 04/11/2023.

⁴¹ Link para o jornal completo digitalizado: <https://www.calameo.com/books/000724797eabd99b982c2>. Acesso em: 04/11/2023.

a favor da democracia, argumenta que o problema está no sistema político como um todo e que a solução não seria a saída de Dilma, e, além disso, acusa a Rede Globo de manipulação política, dando evidência a *hashtag* “#GloboGolpista”:

Figura 8: Página 2 da Folha Universal, nº 1199, Edição Nacional de 29 de março a 4 de abril de 2015



Fonte: Reprodução/Plataforma Calaméo (2015)

No entanto, quando o processo de *impeachment* foi oficialmente iniciado em dezembro de 2015, a Universal apenas publicou uma matéria explicando o que era o processo e, a partir desse momento, parou de defender a presidente. Oficialmente, a coligação entre a IURD e o PT se manteve até algumas semanas do *impeachment* de Dilma Rousseff, com uma declaração do PRB saindo da base de sustentação do governo⁴². Porém, no final de 2015, já havia sido publicada no site do PRB uma matéria de Marcos Pereira, presidente do partido, que sinalizava o rompimento, descrevendo os crimes

⁴² Nota oficial sobre a saída do PRB da base de sustentação do governo Dilma, publicada em 16/03/2016: <https://republicanos10rj.org.br/nota-oficial-prb-decide-sair-da-base-de-apoio-do-governo-dilma/>. Acesso em: 04/11/2023.

que a petista estava sendo acusada e declarando que era a “hora de reformar o Brasil”⁴³, que intitulou a matéria. Quanto ao rompimento, Almeida (2018) explica que o PRB foi um dos últimos partidos a abandonar o PT, tanto que, como escreve o autor, “Um dos últimos movimentos políticos de Dilma foi procurar o bispo Macedo para que o PRB não abandonasse a coalisão. Macedo teria dito, apenas, que oraria por ela e seu governo. (sic)” (Almeida, 2018, p. 76).

Almeida (2018) ainda ressalta a mudança da linha discursiva do partido, que passa de um posicionamento público declaradamente apoiador de políticas de redistribuição à reverberação do catecismo do Estado Mínimo (Almeida, 2018). Além disso, como analisou o autor, o discurso de Crivella em seu voto favorável ao *impeachment* foi dotado de um tom pastoral de caráter mais indireto e em tom de sabedoria. O senador gastou pouco mais de quatro minutos em sua fala, dos quinze que poderia utilizar, e enfatizou “[...] a crise econômica e a necessidade do julgamento de Dilma ser considerado um ato justo, e não justiceiro.” (Almeida, 2018, p. 76). Assim, a aliança entre a IURD e o PT chegou ao fim.

Como observaram Campos e Souza (2020), uma das razões elencadas pela igreja e seus políticos para apoiar o *impeachment* de Dilma foi sobre a intolerância à corrupção, mesmo argumento apresentado como motivo para apoiar Lula em 2002 e apoiar a candidatura de Jair Bolsonaro em 2018. Na realidade, como ressaltam as autoras, esse foi o argumento utilizado em todas as suas mudanças de suporte político, e também quando pastores se envolviam em polêmicas ou eram pegos em escândalos de corrupção e, por isso, afastados da igreja (ou, ao menos, punidos). Nota-se que, tanto para se coligar ao PT em 2003, como para desfazer tal aliança em 2016, a IURD realizou o que poderiam parecer guinadas ideológicas devido à mudança de espectro político.

⁴³ “Hora de Reformar o Brasil”, 28/12/2015. Por Marcos Pereira. Republicanos10.org. Disponível em: <https://republicanos10.org.br/palavra-do-presidente-noticias/hora-de-reformar-o-brasil-2/>. Acesso em: 04/11/2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo investigar a presença pública da Igreja Universal do Reino de Deus em relação a sua aliança política com o Partido dos Trabalhadores, entre 2003 e 2016. Com base nos dados expostos, defendemos que toda a história política da IURD até o momento, a igreja manteve sempre a mesma atuação política: ao que parece, para a instituição, o importante é a disputa por espaços e consolidação desses lugares para um projeto de ocupação política perene. A Universal demonstra entender que deve se manter no centro do poder e da política, pois esta é uma esfera garantidora de outros espaços independentes dos governos de situação, os quais, distintamente do projeto político da Universal, são passageiros. Para sustentar sua flutuação no campo político, a comunicação institucional da IURD cria fluxos discursivos, ora mais neutros – com o emprego de metáforas sem destinação certa e categorias amplas e abertas prontas para serem acionadas ao contexto que for conveniente –, ora mais direcionados à base política que pretendem apoiar e, neste caso, a igreja empreende um alinhamento de discursos com o grupo político que almeja.

Para isso, é necessário que haja uma frequente leitura da conjuntura política para que a postura a ser seguida seja escolhida. Porém, no curso das ações públicas da IURD, não parece existir uma preocupação excessiva em prever os acontecimentos políticos, mas sim em construir relações e ocupar espaços que possibilitem à igreja manter sempre os caminhos abertos para que ela e suas instituições possam flutuar taticamente no campo político na medida em que a conjuntura vai se modificando. A análise dessa movimentação é indissociável da investigação da forma como a Universal articula seus posicionamentos públicos e altera suas práticas comunicacionais. Aqui, é fundamental ter em mente que algumas práticas, quando consideradas em seus contextos políticos específicos, são mais eficazes do que outras para a defesa dos interesses da instituição (Montero, 2010). A forma como essas práticas são alteradas e modificadas a partir de diferentes meios de comunicação e situações específicas pode ser capaz de revelar alguns caminhos válidos

para a investigação da forma de articulação política da IURD, atentando-se para a maneira pela qual suas práticas públicas obtêm eficácia em promover esse tipo de aglutinação de interesses e repertórios entre distintas instituições (especialmente o Partido Republicano e Record, ligados à igreja). Talvez, a atuação política da IURD seja menos “nebulosa” do que pode parecer e possa ser comparada com o modelo de movimentação do chamado “centrão” da política institucional brasileira (investigações quanto a tal relação ainda precisam ser realizadas e aprofundadas).

Esta análise indica que a presença pública da igreja atinge sua forma mais explícita (e potente) nas relações recíprocas entre mídia, política e religião. Ao longo da investigação, foi visto que o estudo da presença da Universal na esfera pública em sua aliança com o PT é capaz de indicar caminhos investigativos interessantes sobre sua atuação política. A movimentação pública e política da IURD foi abordada na pesquisa a partir da noção de “disputa por espaços”, descrita pelo próprio Bispo Macedo (Macedo e Oliveira, 2008), evidenciando os ideais da teologia do domínio. A investigação empreendida corrobora com a hipótese de Campos e Souza (2020) de que, enquanto religião minoritária (no sentido de Connolly, 2011), a IURD entende que deve ter uma movimentação que a mantenha na centralidade do Estado e é esse objetivo que justifica seu esforço em ocupar e disputar cada vez mais espaços na esfera pública. Como se sabe, as noções de “religião” e “secular” são constituintes da soberania de um governo (ver Campos e Souza, 2020) e, esse é um entendimento que os evangélicos possuem: se estiverem no centro do poder, terão “a habilidade de definir a quanto apropriada é sua própria participação nesse espaço” (p. 2). A análise das articulações entre o religioso e o secular, tomando as articulações políticas da IURD como exemplo, nos sugere, ainda, um cenário nacional de perda de laicidade ou de seu enfraquecimento, considerando o projeto de domínio do máximo de espaços (públicos e políticos) possíveis que a IURD, como representante do movimento neopentecostal, têm tido êxito em ocupar. Como desdobramento, podemos sugerir que o pluralismo religioso como praticado pela IURD tem por base o enfraquecimento da laicidade.

Evidentemente, frente a dimensão do objeto de análise e seu longo espaço temporal, não houve qualquer pretensão de esgotar o tema, mas sim, de adotar uma perspectiva histórica-antropológica para contribuir empiricamente com a análise das articulações políticas da IURD. A documentação do encadeamento de (algumas das) ações traçadas pela Igreja em busca de se manter na centralidade do poder através da coligação com o PT podem indicar caminhos possíveis para novos estudos sobre as operações que produzem modos de presença pública complexos. Portanto, esperamos que este trabalho seja também encarado por outros pesquisadores da área como um convite para a criação de novas análises relacionadas aos temas discutidos no artigo, a fim de expandir nosso conhecimento sobre as articulações políticas da Igreja Universal, que constitui um tema fundamental para a compreendermos ocupação neopentecostal da esfera pública brasileira.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo. A onda quebrada: evangélicos e conservadorismos. *Cadernos Pagu*, n. 50, 2017.

ALMEIDA, Ronaldo. *Deuses do Parlamento: Os impedimentos de Dilma*. Campinas: Ed. Unicamp, 2018.

ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica. *Cadernos De Campo*, n. 19, p. 263-284, 2010.

ASAD, Talal. *Formations of the Secular: Christianity, Islam, Modernity*. Stanford: Stanford University Press, 2003.

BARBOSA, Caio Marcondes Ribeiro. *A cruz e o lulismo: Um estudo de caso na periferia de São Paulo com fiéis da Igreja Universal nas eleições de 2014*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo: São Paulo, 2016.

BURITY, Joanildo. A cena da religião pública: Contingência, dispersão e dinâmica relacional. *Novos estudos CEBRAP*, n. 102, p.89-105, 2015.

BURITY, Joanildo. Religião e república: desafios do pluralismo democrático. *Cadernos de Estudos Sociais* (FUNDAJ) , v. 2, n. 1-2, p. 23-41, 2005.

CAMARA, Clara. Quando religião, mídia e política se confundem: as estratégias políticas e midiáticas do PRB, da Record e da Igreja Universal do Reino de Deus. *Anais do 40 Encontro Anual da ANPOCS*, st 17 Mídia, Política e Eleições, 2016.

CAMPOS, Roberta; SOUZA, Alana. Godllywood de Cristiane Cardoso: uma etnografia do “transreligioso”. *Revista De Antropologia*, n. 60, v. 2, 2017.

CAMURÇA, Marcelo. Igreja Universal do Reino de Deus: entre o “plano de poder” e a lógica de minoria perseguida. *Religião & Sociedade*, v. 40, n. 01, 2020.

CASANOVA, Jose. *Public regions in the modern world*. Chicago: Chicago University Press, 1994.

CASARÓES, Guilherme. Religião e Poder: a Ascensão de um Projeto de “Nação Evangélica” no Brasil? *Revista Interesse Nacional*, v. 13, n. 49, 2020.

CONNOLLY, William E. *Why I am Not a Secularist?*. EUA: University of Minnesota Press, 1999.

CONNOLLY, William. Some theses on Secularism. *Cultural Anthropology*, v. 26, n. 4, 648-656, 2011.

CRUZ, Marcelo Pereira da. *A Igreja Universal do Reino de Deus no “jogo do poder”: A aliança com o Partido dos Trabalhadores nas eleições presidenciais de 2002*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

FONSECA, Alexandre Brasil. A maior bancada evangélica. *Tempo e Presença*, 302, p. 20-23, 1998.

GRACINO, Paulo. Surtos de aconselhamento e soluções biográficas: A Igreja Universal e a nova face do fenômeno religioso na sociedade contemporânea - Paulo Gracino Júnior. *Revista Antropológicas*, n. 12, 2008.

HABERMAS, Jürgen. Religion in the Public Sphere. *European Journal of Philosophy*, v. 14, n. 1, p. 1-25, 2006.

HABERMAS, Jürgen. Religião na esfera pública. Pressuposições cognitivas para o ‘uso público da razão’ de cidadãos seculares e religiosos. In: HABERMAS, Jürgen. *Entre naturalismo e religião: estudos filosóficos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.

HIRSCHKIND, Charles. Existe um corpo secular? Tradução por Asher Brum, Henrique Fernandes Antunes. *Religião e Sociedade*, v. 37, n.1, p.175-189, 2007.

IVES, Diogo. A gênese e a institucionalização do Partido Republicano Brasileiro. *Missões: Revista de Ciências Humanas e Sociais*, v. 2, n. 1, 2016.

LEITÃO, Alana Sá. *Feliz é a nação cujo Deus é universal: A IURD e sua disseminação de um projeto de nação cristã*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

LIMA, Diana. Trabalho, mudança de vida e prosperidade entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 132-155, 2007.

MACEDO, Edir; OLIVEIRA, Carlos. *Plano de Poder: os cristãos e a política*. Thomas Nelson Brasil: Rio de Janeiro, 2008.

MAHMOOD, Saba. Religious reason and secular affect: An incommensurable divide? *Critical Inquiry*, v. 35, n. 4, p. 836-862, 2009.

MAHMOOD, Saba. Razão Religiosa e Afeto Secular: uma barreira incommensurável? *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 19, n. 36, p. 17-56, 2019.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, p. 121-138, 2004.

MIGUEL, Luis Felipe. A reemergência da direita brasileira. In: SOLANO, Esther (org.). *Ódio como política*. São Paulo: Editora Boitempo, 2018.

- MONTERO, Paula. Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso. *Religião e Sociedade*, v. 32, n. 1, 2012.
- MONTERO, Paula. Talal Asad: para uma crítica da teoria do símbolo na antropologia religiosa de Clifford Geertz. *Cadernos de Campo*, v. 19, n. 19, p. 259-261, 2010.
- ORO, Ari Pedro. Organização eclesial e eficácia política: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, vol. 3, n. 1, 2002.
- ORO, Ari Pedro. A Política da Igreja Universal e seus Reflexos nos Campos Religioso e Políticos Brasileiros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 18, n. 53, 2003.
- PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. *A realidade social das religiões no Brasil: religião, sociedade e política*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- REZENDE, Gabriel. Crivella e a Igreja Universal: Inserção no espaço público, estratégias e política eleitoral. *Sociologias Plurais*. v. 5, n. 1, 2019.
- SANTOS, Maria Isis. Do 'chute na Santa' ao Templo de Salomão: a presença controversa da Igreja Universal na cena pública brasileira. In: PAULINO, A. G. L (org). *Religiões, espaço público, tensões e conflitos em um cenário plural*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2021.
- SANTOS, Rayani Mariano. A família no centro das disputas políticas nos Estados Unidos. *Revista Estudos Feministas*, v. 28, n. 2, 2020.
- SOUZA, Claudio. Antipetismo e ciclos de protestos no Brasil: uma análise das manifestações ocorridas em 2015. *Em Debate*, v. 8, n. 3, p. 35-51, 2016.
- TADVALD, Marcelo. Eleitos de Deus e Pelo Povo: Os Evangélicos e as Eleições Federais de 2010. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 11, n. 18, p. 83-109, 2010.
- TAYLOR, Charles. *Uma Era Secular*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2010.

TEIXEIRA, Jaqueline M. *A conduta universal: governo de si e políticas de gênero na Igreja Universal do Reino de Deus*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Recebido em: 29/06/2023

Aprovado em: 11/10/2023

ENSAIO VISUAL